

OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL: DE 1517 A 1979

Altair Germano da Silva¹

RESUMO

Faz uma revisão da história da Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil, de seu surgimento às comemorações de seu centenário, em 2011. Inicia apontando dois fatores que merecem resgate no Pentecostalismo: falta de ligação com os principais movimentos religiosos da história do Cristianismo, como a Reforma Protestante (séc. XVI) e os demais eventos daí desencadeados, e falta de um interesse institucional pela Educação Teológica formal. Informa que a Educação Teológica nas Assembleias de Deus só começou cerca de meio século após o surgimento da Igreja no Brasil e aponta suas causas, dentre as quais, uma mentalidade anti-intelectual ainda dominante. Em seguida, percorre o tema educação teológica nos grandes nomes da Reforma Protestante até chegar ao Pietismo (sécs. XVI-XVIII), Metodismo Wesleyano (séc. XVIII), segundo Grande Despertamento (séc. XIX), pioneiros do movimento pentecostal (séc. XIX-XX), gênese das Assembleias de Deus no Brasil (séc. XX) e seu desenvolvimento posterior.

Palavras-chave: Educação teológica. Assembleia de Deus. Revisão histórica.

ABSTRACT

This article reviews the history of Theological Education in the Assemblies of God in Brazil, from its inception to its centenary celebrations in 2011. Starts pointing two factors that deserve rescue in Pentecostalism: lack of connection with the main religious movements in the history of Christianity, as the Protestant Reformation (XVI) and other events then triggered, and a lack of institutional interest in formal Theological Education. Informs the Theological Education in the Assemblies of God only started about half a century after the emergence of the Church in Brazil and points its causes, among which an anti-intellectual mindset still dominant. Then traverses the theme theological education in the great names of the Protestant Reformation to reach Pietism (XVI-XVIII), Wesleyan Methodism (XVIII) second Great Awakening (XIX century), pioneers of the Pentecostal movement (century XIX-XX), the genesis of the Assemblies of God in Brazil (twentieth century) and its ulterior development.

Keywords: Theological Education. Assemblies of God. Reviews the history

¹Mestre em Teologia com especialização em Ministério pelo Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste (STPN); especialista em Educação Cristã pelo Seminário Presbiteriano do Norte (SPN); especialista em Psicopedagogia e Licenciado em Pedagogia pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO); bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica da Assembleia de Deus em Abreu e Lima-PE (FATEADAL). É escritor, professor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Igarassu (FACIG); é também vice-presidente do Conselho de Educação e Cultura da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e membro do Conselho Consultivo da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). E-mail: altair.germano@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em pleno ano do Centenário das Assembleias de Deus no Brasil², entendo ser um momento oportuno, para revermos alguns aspectos desta história, marcada por grandes lutas, desafios e conquistas.

Tal tarefa contribuirá para superarmos algumas de nossas limitações, na relação entre pentecostalismo e história. A crítica de Freston (FRESTON, 1996, p. 69) é pertinente, quando declara que:

O pentecostalismo toma o nome do incidente que está na origem da Igreja cristã, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, e se vê como um retorno às origens. Não é por acaso que as histórias domésticas se concentram nas origens (épicas) da denominação. Eventos posteriores se reduzem virtualmente à expansão geográfica, ou seja, às origens em outras cidades. Não há muita ideia de desenvolvimento, pois tudo já está contido no evento paradigmático original. Assim, o pentecostalismo tem uma relação difícil com a história. Esta é reduzida a apenas três momentos – a Igreja primitiva, o momento da recuperação da visão (quando nosso grupo começou) e hoje – e cada um desses momentos repete o anterior e descobre nessa repetição a sua única legitimidade.

A prova dessa realidade se revela, por exemplo, na falta de ligação do pentecostalismo com a Reforma Protestante e com os demais eventos e movimentos que ela desencadeou.

Uma das áreas que merece uma atenção especial nesse resgate histórico, diz respeito ao desenvolvimento da Educação Teológica formal marcada, por muita resistência, em seus primórdios, e com alguns focos ainda nos dias de hoje.

É importante analisar alguns fatores que contribuíram para que, somente, após 47 anos de fundação das Assembleias de Deus no Brasil, o primeiro Instituto Bíblico fosse criado, e mesmo assim, sem a aprovação da maior parte da liderança nacional da denominação.

Iniciaremos com uma exposição sobre a Reforma e a Educação Teológica, para em seguida, tratar sobre dois movimentos que surgiram após a Reforma, o Pietismo e o Metodismo wesleyano, cujas ideias e características encontram-se presentes no movimento pentecostal. Em seguida, passaremos a descrever a

² Esse artigo foi escrito em 2011, ano das comemorações do Centenário das Assembleias de Deus no Brasil, e publicado no blog do próprio autor, naquele mesmo ano. (N. E.).

mentalidade anti-intelectual e contrária à Educação Teológica formal dos principais líderes do Segundo Despertamento, período que precedeu o movimento pentecostal, e também a postura dos pioneiros do pentecostalismo, Charles Parham e William Seymour, sobre o tema em questão.

Será feita, também, uma análise sobre os motivos da resistência dos missionários suecos em relação à abertura de institutos bíblicos vinculados a Assembleia de Deus no Brasil, e sobre a luta dos missionários americanos contra esta decisão. Concluiremos, apresentando os eventos que culminaram no reconhecimento e na oficialização das primeiras instituições assembleianas de ensino teológico formal.

1 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E A REFORMA PROTESTANTE

A Educação Teológica está diretamente associada com a Reforma Protestante, quer em razão da formação acadêmica dos reformadores, como também, pelas ações que eles realizaram em prol dela.

- *Martinho Lutero (1483-1546)*

No verão de 1507 Lutero começou seus estudos de teologia, estudando as Sentenças de Pedro Lombardo com o auxílio de um comentário de Gabriel Biel, o *Collectaneum*, e das *Questiones* de Guilherme de Occam e de Pedro d'Ailly. Serviu-se da *Glossa ordinária* para a interpretação da Escritura Sagrada, que se tratava de uma compilação de textos de pais da Igreja estabelecida no século XII. Em março de 1509, tornou-se bacharel em Bíblia pela Faculdade de Wittenberg.

No mesmo ano, retornou para Erfurt, onde ministrava cursos acerca das Sentenças de Pedro Lombardo, para, no verão de 1511, retornar de forma definitiva para Wittenberg onde, relutante, iniciou seu doutorado em teologia. Obteve esse grau em 1512, e passou a comentar a Bíblia para os estudantes da Faculdade de Teologia de Wittenberg.

Quando viajava pela Saxônia Eleitoral e por Meissen, entre 22/10/1528 e 09/01/1529, Lutero resolveu escrever um Catecismo. Explicou a razão de sua decisão da seguinte forma (LIENHARD, 1998, p. 177-178):

Meu Deus, quanta miséria não vi! O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias. E infelizmente, muitos pastores são de todo incompetentes e incapazes para a obra do ensino. Não obstante, todos pretendem o nome de cristãos, estão batizados e fazem uso dos santos sacramentos. Não sabem nem o Pai-nosso, nem o Credo, nem os Dez mandamentos [...].

Havia em Lutero um claro interesse pelo estudo e pela formação teológica dos ministros da Palavra.

- *João Calvino (1509-1564)*

Seus primeiros anos escolares foram no Colégio dos Capetos, em Noyon, França, assim conhecido por causa do capuz usado pelos alunos. Nessa escola, Calvino tomava as primeiras lições de latim e se preparava para os estudos em níveis mais elevados na Universidade, em Paris.

Em Paris, foi aluno de Marthurin Cordier, mestre do latim e do francês, elegante estilista e pedagogo. Do Colégio de La Marche, Calvino foi para Montaigu, com o objetivo de atender aos desejos de seu pai, de vê-lo seguir a carreira eclesiástica. Nesse mesmo colégio, estudou Erasmo de Roterdã. Em Montaigu, ele se tornou versado na Teologia de Tomás de Aquino, de Agostinho, de Jerônimo e outros grandes nomes do passado.

Em 1528, aos 19 anos de idade, ao terminar o seu curso de Artes, Calvino deixou o Colégio de Montaigu, para iniciar os estudos de Direito em Orleans e Bourges. Mesmo deixando Orleans sem completar o curso, por voto unânime, lhe é conferido o grau de doutor. Na ânsia de dominar conhecimentos esotéricos e teorias fascinantes, lia até altas horas da noite. De retorno a Paris, no colégio Real, dedicava-se aos estudos dos clássicos, amplia os seus conhecimentos de grego e inicia o aprendizado do hebraico.

Entendendo que “[...] as escolas teológicas [são] berçários de pastores”, Calvino criou uma Academia em Genebra (5/6/1559), com cerca de 600 alunos,

ampliando esse número para 900 em seu primeiro ano de atividades. Quando Calvino morreu em 1564, havia 1.200 alunos nos cursos superiores (FERREIRA, 1990, p. 196).

Alunos estrangeiros vindos da França, Holanda, Inglaterra, da Alemanha, da Itália e de outras cidades da Suíça por lá passaram. Genebra transformou-se num grande centro acadêmico e missionário. Os protestantes foragidos que lá se instalaram e estudaram, puderam, posteriormente, levar para os seus países e cidades o Evangelho ali aprendido.

Calvino, apesar de fundador, não quis dirigir a Academia. Serviu nela como professor de teologia (FERREIRA, 1990).

Fundamentada numa concepção racionalista e metódica do Cristianismo, a Reforma não demorou a sucumbir a uma teologia retórica após a morte de Lutero e Calvino. O surgimento de uma teologia escolástica no século XVII, mais inclinada à explicação racional dos dogmas do que aos valores emotivos da religiosidade humana, é relatada por Gomes (GOMES, 2000, p. 91). Foi contra essa intelectualização que vários movimentos surgiram no sentido de resgatar os valores experienciais, emocionais e piedosos da fé.

2 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DO PIETISMO

O Pietismo foi um movimento de renovação que surgiu no século XVI a XVIII, primeiramente, entre os luteranos da Alemanha. Tinha como proposta a complementação da Reforma protestante iniciada por Martinho Lutero. Segundo os pietistas, a reforma doutrinária iniciada por Lutero precisava ser complementada por transformação de vida.

Os luteranos foram responsáveis pela fundação das Universidades de Marburg (1527), Königsberg (1544), Jena (1558) e Helmstedt (1575). Segundo Olson (OLSON, 2001, p. 485-504), várias foram as questões levantadas pelos pietistas em relação aos efeitos da Reforma, entre elas:

-
- A ênfase de Lutero nos aspectos objetivos da obra de Deus, ressaltando a justificação pela graça mediante a fé, o perdão e a imputação da justiça de Cristo ao pecador;
 - Achavam que Lutero teria rejeitado a ideia da doutrina da conversão pessoal como aspecto indispensável da iniciação cristã;
 - A ortodoxia luterana e seu enrijecimento geral das categorias doutrinárias, mediante a sistematização racional e formulações doutrinárias, extremamente detalhistas, construídas e elaboradas a partir da lógica aristotélica. A ortodoxia luterana era chamada pelos pietistas de “ortodoxia morta”. Chegou-se a criar o seguinte lema: “melhor uma heresia viva do que uma ortodoxia morta”;
 - A aridez espiritual nos principais centros acadêmicos e universidades luteranas;
 - A ênfase nos debates acadêmicos e discussões doutrinárias e teológicas que, em nada, agregavam valor à fé cristã;
 - O desperdício de energia e tempo com críticas a outras formulações doutrinárias e sistemas teológicos, promovendo um infrutífero intelectualismo;
 - O crescimento de uma letargia espiritual, moral e teológica.

2.1 OS PRINCIPAIS NOMES DO PIETISMO

Quatro foram os principais idealizadores, organizadores e propagadores do Pietismo:

- *Johann Arndt* (1555-1621). O precursor do Pietismo, que escreveu um livro de grande influência, considerado por muitos historiadores como a “Bíblia” do Pietismo, intitulado: Quatro livros sobre o Cristianismo verdadeiro;
- *Philipp Jakob Spener* (1635-1705). Considerado o patriarca do Pietismo, escreveu a obra *Pia desideria* (desejos piedosos), em 1675, que contém

uma crítica contundente sobre as condições existentes na igreja estatal luterana na Alemanha de sua época;

- *Auguste Hermann Francke* (1663-1727). É considerado o gênio organizador do Pietismo. Ajudou a fundar a Universidade Pietista de Halle, criou várias instituições de caridade, escolas para ricos e pobres, um orfanato, uma editora e um centro missionário. Tornou-se o educador mais respeitado da Alemanha. Foi homem das letras e das obras;
- *Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf* (1700-1760). Foi considerado excêntrico, levando o Pietismo ao extremo, ainda que permanecesse dentro dos parâmetros da teologia ortodoxa luterana, sem abrir mão de criticá-la. Combateu, veementemente, a teologia formal e sistemática. Colocou a experiência cristã e os sentimentos piedosos, no âmago do Cristianismo autêntico, e deixou a teologia e doutrinas formais em segundo plano. O legado de Zinzendorf se encontra em todos os seguimentos do Cristianismo posterior que se deleita em emoção e sentimentos espirituais.

2.2 OS PRINCIPAIS TEMAS DO PIETISMO

Os principais temas do Pietismo foram:

- *A prática de um Cristianismo interior e experimental*. A vida piedosa cristã é proveniente da experiência da conversão, e não de atos sacramentais. Justificação (aspecto objetivo da salvação) e regeneração (aspecto subjetivo da salvação) são verdades que se complementam;
- *A prática de um Cristianismo tolerante e irênico*. As polêmicas em torno das questões teológicas, a caça aos hereges da ortodoxia luterana deveriam dar lugar a uma maior tolerância nas questões teológicas e doutrinárias secundárias. Seguiam o lema: “*Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, liberdade; em todas as coisas, amor.*” (Rupertus Meldenius – Peter Meiderlin, 1582-1651). Primavam por um Cristianismo apaziguador. A ortopatia e a ortopraxia precedem a ortodoxia, sem excluí-la;

- *A prática de um Cristianismo visível.* Diferente da ortodoxia morta e do Cristianismo nominal vinculado, exclusivamente, à filiação à igreja, o verdadeiro Cristianismo deveria ser manifesto nas atitudes e condutas dos crentes. Mudança de vida e, não apenas, de mentalidade e entendimento deveriam acontecer;
- *A prática de um Cristianismo que ativo e realizador.* Fazer e não apenas saberes deveriam nortear a vida cristã autêntica. Longe de propagar o quietismo, ou seja, a alienação às questões deste mundo, o Pietismo promovia o engajamento, a militância, a presença e influência da igreja em questões sociais e culturais.

Olson afirma ainda que: “Os grupos de reavivamento, incluindo os pentecostais e igrejas de santidade, como os nazarenos e as Assembleias de Deus, podem ser vistos como extensões radicais do Pietismo cristão.” Ainda para Olson: “O Pietismo foi malsucedido em disseminar o individualismo religioso, o emocionalismo e o antiintelectualismo” (2001, p. 503).

3 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DO METODISMO WESLEYANO

O Metodismo foi um movimento de avivamento espiritual cristão. Surgiu na Inglaterra do século XVIII e enfatizou a relação íntima do indivíduo com Deus, iniciando-se com uma conversão pessoal e seguindo uma vida de ética e moral cristãs. O Metodismo foi liderado por John Wesley (1703-1791), ministro da Igreja Anglicana, e seu irmão Carlos Wesley, considerado um dos maiores expoentes da música sacra protestante.

3.1 OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO METODISMO

Conforme Noll (2000, p. 232-233), na Inglaterra do século XVIII, imperava um controle rígido da igreja estatal sobre as práticas eclesiais. Os batistas, congregacionais e presbiterianos, oriundos do puritanismo, movimento que tentou

purificar a Igreja Anglicana dos “muitos trapos do papado”, precisavam de autorizações especiais para a realização de seus cultos (CAIRNS, 1992, p. 273).

Em 1730 João e Carlos Wesley, juntamente com outros amigos começaram a reunir-se em Oxford para estudar juntos, organizando uma pequena sociedade, que recebeu de seus críticos e observadores o nome de “clube santo”, “devoradores de Bíblia” e “metodistas” (GONZALEZ, 1993, p. 175):

Os membros dessa sociedade se comprometiam a levar uma vida santa e sóbria, a receber a comunhão uma vez por semana, a cumprir fielmente suas devocionais particulares, a passar três horas reunidos cada tarde, estudando as Escrituras e outros livros religiosos, e a visitar os cárceres regularmente.

Os críticos usaram o termo “metodistas”, porque, segundo entendiam, queriam encontrar e praticar um método de espiritualidade (OLSON, 2001, p. 522).

João Wesley não se propôs a fundar uma nova Igreja ou denominação, mas grupos de renovação na Igreja da Inglaterra (Igreja Anglicana).

Uma das práticas revolucionárias de Wesley foi a pregação ao ar livre. Em seu diário registrou que em 02/04/1733 (NOLL, 2000, p. 232-233):

Às quatro da tarde, eu me sujeitei a ser o mais desprezível e proclamei nos caminhos as boas novas da salvação, falando de uma pequena elevação numa área próxima da cidade a cerca de 3.000 pessoas [...].

Em 24 de maio de 1738, uma experiência marcou profundamente a vida de Wesley (GONZALEZ, 1993, p. 177):

À noite, fui de muita má vontade a uma sociedade na rua Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Quando faltava um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração mediante a fé em Cristo, senti em meu coração um ardor estranho. Senti que confiava em Cristo, e somente nele, para minha salvação e me foi dada a certeza de que ele havia resgatado os meus pecados, e me havia salvo da lei do pecado e da morte.

Após essa experiência, num período onde as estradas não ajudavam em termos de boas condições, John Wesley percorreu cerca de 380 mil km (a maior

parte a cavalo), pregou cerca de 40.000 sermões (uma média de mais de dois por dia).

3.2 A TEOLOGIA DE JOHN WESLEY

Collins, um importante pesquisador e intérprete de Wesley, comentando o perfil teológico dele, afirma que ele não foi um teólogo sistemático, alguém que tentou sintetizar todo conhecimento humano e demonstrar, de forma minuciosa, a unidade desse conhecimento em Cristo. Ao contrário, a teologia de Wesley era praticada em sermões, liturgias, orações, credos, ocasionais obras, artigos de jornal e cartas. Tinha uma orientação firmemente soteriológica, em vez de epistemológica. Ele era um teólogo prático, e, não, especulativo (COLLINS, 2010, p. 15-31).

Olson entende que Wesley não tentou em escrever uma teologia sistemática por acreditar que já havia compêndios suficientes de doutrinas e especulações teológicas entre os protestantes. Pode-se perceber nesta análise de Olson, que todas as vezes que a teologia partiu para o nível das especulações infrutíferas, improdutivas e áridas, sofreu resistência da parte daqueles que entendiam a urgência e a necessidade de uma teologia que considerasse as realizações no Reino de Deus, e não apenas as reflexões sobre o Reino de Deus (COLLINS, 2010, p. 524).

Wesley contribuiu, significativamente, com a história da teologia protestante, incluindo as Escrituras, a razão, a tradição e a experiência (quadrilátero) como ferramentas essenciais para o exercício da teologia. Além disso, difundiu a crença na perfeição cristã, ainda nesta vida, ou no momento da morte, mediante uma “segunda bênção” que promoveria um estado de santificação plena. Sua teologia era arminiana, sendo mais uma forma de sinergismo evangélico, ou seja, a salvação é obra da graça de Deus, mas pode ser aceita ou rejeitada pelo livre arbítrio do homem.

Assim como os pietistas, Wesley afirmava que a mera declaração verbal, a adequação a um conjunto de doutrinas, não transforma ninguém de imediato num cristão autêntico. É necessário vivenciar uma experiência transformadora com Deus.

Para Noll, as práticas do Metodismo continuaram a moldar a vida e a doutrina protestante, influenciando denominações inteiras, entre elas as Assembleias de Deus (NOLL, 2000, p. 234).

4 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DOS PRECUSSORES DO SEGUNDO GRANDE DESPERTAMENTO

A obra de revitalização promovida pelos irmãos Wesley deu origem ao evangelicalismo moderno (NOLL, 2000, 238). Entre os anos de 1800 e 1900, período onde se vivenciou o Segundo Grande Despertamento, e que se desenvolveu o Movimento *Holiness*, a Educação Teológica formal sofreu os seus mais sérios ataques dentro do Protestantismo.

Os principais nomes que sequenciaram o Grande Avivamento promovido pelo Metodismo wesleyano, não conseguiram captar os ideais de John Wesley, na busca por um Cristianismo pensante. Nañez (2007, p. 166-184), descreve a postura antiintelectual e anti-teológica que norteou os pensamentos e discursos de quatro ícones deste período que antecedeu o pentecostalismo clássico:

- *Peter Cartwright (1785-1872)*

Cartwright desenvolveu seu ministério entre os anos de 1803-1871, e foi o maior pregador de seu tempo. Ele pregou não menos de 25 mil vezes, e dirigiu encontros em acampamentos por 52 anos para cerca de 10.000 pessoas por encontro. Durante o tempo em que esteve atuando, o movimento metodista passou de 65.000 para dois milhões de seguidores.

Em relação à educação e formação teológica, foi um duro crítico. Observemos algumas de suas posturas:

- Censurou o treinamento teológico;
- Repudiou os seminários;
- Desprezou a aprendizagem nos livros;
- Zombou dos pregadores que falavam o inglês correto;

-
- Creditou o fracasso de algumas denominações ao treinamento teológico erudito;
 - Criticou os pastores que pregavam lendo os sermões.

Mesmo estando envolvido no movimento iniciado por Wesley, Cartwright parecia não lembrar que um dos seus grandes referenciais foi aluno e se formou na Universidade de Oxford.

- *Charles Finney (1792-1875)*

Entre muitas de suas declarações contra a Educação Teológica formal, Nañez cita que Finney (2007, p. 166-184):

- Declarou várias vezes que não precisava de mais nada além da Bíblia e de sua própria e pessoal filosofia;
- Desprezou, assim como Cartwright o sermão escrito onde faziam uso, dentre tantos, Lutero e Edwards, que escreviam e liam suas mensagens do púlpito;
- Detestou a maioria das obras literárias clássicas da época;
- Admitiu que apesar de receber sua ordenação na igreja presbiteriana, nunca leu a Confissão de Westminster;
- Promoveu um estilo de pregação altamente emotiva, sem comprometimento doutrinário e reflexivo.

Foi Finney que introduziu o “apelo” nas pregações evangelísticas. O resultado desse tipo de postura e pregação foi descrito, posteriormente, por Finney, como algo que produziu nas massas uma fé tão superficial que não conseguia resistir ao tempo.

- *Dwight L. Moody (1837-1899)*

Moody cresceu num contexto que foi influenciado, grandemente, pelo pensamento de Peter Cartwright e de Charles Finney. Apesar de sua grande contribuição no advento do pentecostalismo clássico, assim como Cartwright e

Finney, também se opôs de várias maneiras à Educação Teológica formal. Conforme Nañez (NAÑEZ, 2007, p. 166-184):

- Evitava e fazia pouco caso das discussões em torno da autoria dos livros da Bíblia;
- Quando era confrontado com passagens difíceis das Escrituras, orientava que simplesmente fossem ignoradas, alegando que a Bíblia não foi feita para ser entendida;
- Aconselhava os cristãos a desconsiderarem o conhecimento acadêmico e os insípidos catecismos;
- Se vangloriava em não ter “uma teologia”;
- Não lia nada além da Bíblia;
- Afirmava que a inteligência era desnecessária, e que a única necessidade do cristão era o poder de Deus.

Apesar desta postura antiintelectual e anti-teológica, estes homens aprovavam um treinamento básico para os ministros. Eles apoiaram e fundaram escolas: “À semelhança de Cartwright, que colaborou com o crescimento do McKendree College, e de Finney, que dirigiu Oberlin, Moody também fundou o *Moody Bible Institute* (Instituto Bíblico Moody)” (NAÑEZ, 2007, p. 184).

É importante ressaltar, que as escolas de treinamento para ministros, apoiadas ou fundadas por Cartwright, Finney e Moody não tinham conteúdos, objetivos, grade curricular e metodologia semelhante aos centros acadêmicos e teológicos da época.

- *Sunday (1862-1935)*

Sunday, considerado um dos homens mais importantes dos Estados Unidos, combinou o desinteresse de Moody em questões teológicas com o pragmatismo evangelístico de Finney. Entre outras coisas:

- Demonstrou desconsideração pela vida intelectual;

-
- Afirmou que a Igreja nos EUA morreria apodrecida e desceria ao fundo do inferno, se todos os membros fossem milionários ou tivessem formação acadêmica;
 - Pregou que a estrada para o Reino de Deus não passava pela universidade;
 - Disse à uma fascina audiência que milhares de diplomados caminhavam em direção ao inferno;
 - Declarou que se tivesse 1 milhão de dólares, daria 999.999 para a igreja e apenas 1 dólar para a educação;
 - Combateu também os sermões escritos.

Nañez calcula que cerca de um bilhão de pessoas sentaram-se para ouvir esses quatro homens (NAÑEZ, 2007 p. 182). A contribuição deles para o avanço e crescimento do evangelho é indiscutível. A posição extrema que adotaram em relação à Educação Teológica formal, e os prejuízos advindos desta postura para o pentecostalismo clássico, e, conseqüentemente, para a Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil, são também indiscutíveis.

5 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DOS PIONEIROS DO MOVIMENTO PENTECOSTAL

A origem do movimento pentecostal se relaciona diretamente com o movimento de santidade (*Holiness*), nascido e difundido entre os metodistas e as igrejas independentes nos EUA, no século XIX, durante o período do segundo despertar.

Os dois nomes de maior relevância entre os pioneiros do movimento pentecostal são Charles Parham e William Seymour. Ambos estiveram envolvidos, diretamente, com os movimentos e pensamentos que estiveram presentes na origem do pentecostalismo.

- *Charles Fox Parham (1873-1929)*

Parham formulou a teologia do pentecostalismo clássico, com destaque às línguas como evidência inicial do batismo com o Espírito Santo (com ênfase na xenolalia). Em 1890 ingressou no *Southwest Kansas College* e, por três anos, lutou com seus estudos e sua chamada para pregar.

Em 1893, abandonou os estudos para assumir o pastorado temporário de uma igreja metodista. Em 1895, deixou a igreja metodista para iniciar um ministério independente. No ano de 1898, fundou com sua esposa Sarah Thistlethwaite, em Topeka, o *Bethel Healing Home* (Casa de Cura Betel), onde oferecia ensino sobre a fé para pessoas que buscavam a cura divina (ARAÚJO, 2007, p. 542).

Em 1900 fundou o *Bethel Bible School*, com o propósito de preparar missionários. Antes de sair para uma de suas viagens, instruiu os seus 34 alunos para pesquisarem, no livro de Atos, sobre qual seria a evidência do batismo com o Espírito Santo. Eles chegaram a conclusão que seria o falar em outras línguas. Em 1º de janeiro de 1901, uma de suas alunas, Agnes Ozman, experienciou a tão desejada e aguardada bênção (ANDERSON, 2007, p. 48).

Sua posição contrária ao estudo teológico acadêmico se manifesta:

- Na contraposição que fazia entre “a educação pelo Espírito” e o estudo formal;
- Desejou estudar medicina, e ao abandonar a ideia, alegou ter recebido a revelação de que a educação impede o serviço sincero a Deus, no ministério;
- Declarou que a Educação Teológica formal era um prejuízo para o ministério;
- O *Bethel Bible School*, tinha o currículo basicamente constituído de leitura da Bíblia e da apresentação de comentários pessoais sobre os textos estudados;
- Desprezou o sistema teológico e doutrinário construído após a Reforma.

Esse posicionamento de Parham o levou a difundir algumas doutrinas e interpretações bíblicas de difícil fundamentação, como por exemplo (NAÑEZ, 2007, p. 106):

- Chegar a afirmar que o batismo em águas não era necessário;
- Os anglo-saxões eram as dez tribos perdidas de Israel;
- Os hindus eram descendentes de Abraão, enquanto que as raças negra, vermelha e amarela pertenciam aos “bárbaros”;
- Entendia que as línguas oriundas do batismo com o Espírito Santo, sempre, estavam associadas a um idioma deste mundo (xenolalia), e que capacitava o indivíduo a pregar o evangelho no país onde o idioma era falado.

Sempre que confrontado acerca de suas doutrinas, as enfatizava mais ainda, fundamentado na ideia de serem revelações especiais.

- *William Seymour (1870-1922)*

Seymour foi o filho mais velho de escravos libertos, conforme o Censo de 1880 da região de Luisiana onde nasceu. e lá frequentou uma escola onde aprendeu a ler. Converteu-se na “negra *Methodist Episcopal Church*” em Indianápolis, e em seguida frequentou também a *Evening Light Saints*, a atual *Church of God* (ARAÚJO, 2007, p. 779).

Entre o final de 1899 e início de 1900, mudou-se para Cincinnati (Ohio) onde parece ter frequentado a *God’s Bible School*, dirigida por Martim Wells Knapp. A escola dedicava-se, basicamente, ao estudo da Bíblia e ao treinamento dos seus alunos para serem trabalhadores nos “grandes campos brancos, prontos para a colheita”. Mudou-se para Houston (Texas), entre 1902 e 1903, onde começou a realizar reuniões evangelísticas. Com base numa “revelação especial”, Seymour foi para Jackson (Mississippi), onde ficou sob a liderança de Charles Price Jones, líder da Santidade Wesleyana no Sul dos EUA e co-fundador da *Church of God in Christ*, ao lado de Charles Harrison Manson (ARAUJO, 2007, p. 780).

Em 1905, voltou para Houston, onde recebeu a liderança de uma pequena igreja fundada por Lucy Farrow, uma viúva afro-americana. Com o retorno de Charles Fox Parham para Houston, Seymour foi logo incentivado por Lucy Farrow a estudar em sua escola bíblica, e aprender sobre o batismo com o Espírito Santo. Por causa da segregação racial imposta pelas leis na região, Seymour ouvia as aulas do lado de fora da sala, através da porta entreaberta (ARAUJO, 2007; ANDERSON, 2007, p. 55).

Seymour ficou ligado ao trabalho de Parham, até o início de fevereiro de 1906, quando já havia ajustado o sistema teológico da Santidade Wesleyana com o ensino de Parham sobre o batismo com o Espírito Santo evidenciado pelo falar em outras línguas. Aceitou o convite da comunidade negra de Los Angeles para pastorear uma igreja da Santidade que havia sido fundada por Julia W. Hutchins, a contragosto de Parham, para lá partiu, chegando em 22 de fevereiro de 1906.

Os ensinamentos de Seymour acerca do batismo com o Espírito Santo foram rejeitados por Julia Hutchins, e ele acabou impedido de entrar no prédio da igreja. Pediu socorro a um dos membros da igreja, Edward Lee, que o acolheu em casa.

Foi convidado, então, por Lee a ministrar num pequeno grupo de estudo bíblico que se reunia na Rua Bonnie Brae, 214, em casa de Richard e Ruth Asberry onde continuou a ensinar sobre o batismo com o Espírito Santo com a evidência do falar em outras línguas, apesar de ainda não o ter recebido. Em 9 de abril de 1906, vários membros daquele grupo de estudo começaram a falar em outras línguas. Como muitos foram atraídos pelo fenômeno, Seymour foi obrigado, por volta de 15 de abril, a buscar um local mais adequado para as reuniões. Foi alugado então um prédio vazio, onde funcionara a Stevens African Methodist Episcopal Church, na Rua Azusa, 312 (ARAUJO, 2007).

O Pentecostalismo difundido a partir da Rua Azusa enfatizou a obra do Espírito, ao mesmo tempo em que desvalorizou a instrução formal. No periódico mensal do movimento, cujo nome era Fé Apostólica (*Apostolic Faith*), encontramos as seguintes informações e exortações (NAÑEZ, 2007, p. 108-110):

[...] o Senhor concedeu línguas para os sem instrução acadêmica, como grego, latim e hebraico. [...] Não sejam confundidos pela

teorização, mas permaneçam em Jerusalém [...] Ele revelará toda a Palavra, de Gênesis a Apocalipse. (SEYMOUR, *Apostolic Faith*, setembro de 1906, p. 1-4).

Durante os primórdios do movimento em Azusa se disseminou ideias do tipo:

- A revelação, e não a revelação por meio do estudo equilibrado da Escritura era destacada;
- As grandes obras espirituais estavam acontecendo nas pessoas, e por meio de pessoas sem instrução;
- A atividade médica é carnal;
- Os livros e sermões escritos deviam ser condenados ao fogo do juízo;
- A teologia e os credos eram inimigos do reavivamento;
- A interpretação das Escrituras era uma obra exclusivamente do Espírito;
- O uso de instrumentos musicais foi desestimulado, pois o Espírito Santo tocava piano em todos os corações;
- Quando os instrumentos eram utilizados, se afirmava que a música não vinha do homem, mas que era dada sobrenaturalmente pelo Espírito;
- A maior parte dos líderes do início do movimento pentecostal consideravam as igrejas não pertencentes ao movimento como inimigas de Deus e anticristãs.

A grande contribuição de Seymour e a importância do pentecostalismo vivenciado na Rua Azusa para a igreja cristã são notórios. Não é propósito aqui diminuir o seu valor. Acontece que não teríamos condições de entender o antagonismo, a resistência, o preconceito e a desconfiança para com a Educação Teológica formal nas assembleias de Deus no Brasil, sem o conhecimento dos fatos até aqui apresentados, oriundos de pesquisa bibliográfica. O entendimento do presente não pode ser pleno sem o conhecimento do passado.

Analisando a postura desses homens, fica uma pergunta no ar. Por quais motivos pensaram e agiram dessa maneira? A resposta pode estar relacionada com as mesmas causas do início do movimento pietista entre os luteranos na Alemanha, ou seja, a perda dos reais propósitos da Educação Teológica formal. No século XIX,

as universidades protestantes abandonaram gradativamente o seu principal objetivo de preparar ministros, se secularizaram, desvalorizaram o curso de teologia e, sob a influência do advento do iluminismo, adotaram uma postura teológica liberal.

Matos nos informa que até meados do século XIX, nos EUA, no mesmo período que acontecia os Despertamentos, os presbiterianos criaram 49 “colleges” (faculdades), os congregacionais 21, os reformados alemães 4 e os reformados holandeses 1. Entre essas instituições estavam as universidades de Harvard (1636), Yale (1701) e Princeton (1746) (MATOS, 2010, p. 60).

6 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DOS MISSIONÁRIOS SUECOS NOS PRIMEIROS ANOS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Os primeiros anos da Assembleia de Deus no Brasil foram marcados pelo forte trabalho e presença dos missionários de origem sueca.

Os pioneiros do trabalho no Brasil foram os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, que aportaram em terras brasileiras, em 19 de novembro de 1910. Eles vieram dos Estados Unidos. Conforme Freston (*apud* MATOS, 2010, p. 76):

A Suécia da época não era a próspera sociedade do bem-estar em que se transformou posteriormente. Era um país estagnado com pouca diferenciação social, forçado a exportar grande parte da população. Mais de uma milha de suecos emigram para os Estados Unidos entre 1870 e 1920.

Berg chegou aos Estados Unidos em 25 de março de 1902, e Vingren em novembro de 1903.

Vingren e Berg tinham o propósito de pregar a mensagem pentecostal. Não intencionavam abrir igrejas ou fundar uma nova denominação. O desejo dos missionários era que a mensagem pentecostal, com ênfase no batismo com Espírito Santo evidenciado pela manifestação do falar em outras línguas, fosse recebida pelas igrejas no Brasil, proporcionando dessa forma um grande despertar espiritual.

O projeto dos missionários enfrentou uma tão grande resistência, que acabou promovendo uma divisão na Primeira Igreja Batista do Pará, vindo este fato a

contribuir para o surgimento daquela que se tornaria a maior denominação evangélica pentecostal do Brasil na atualidade, a Assembleia de Deus.

A data de 18 de junho de 1911 é tida como a data oficial da fundação da igreja, que, inicialmente, foi chamada de "Missão da Fé Apostólica". Em 11 de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou em cartório a "Sociedade Evangélica Assembleia de Deus".

Vingren e Berg não tiveram por ocasião da partida dos Estados Unidos nenhum suporte ministerial ou financeiro de igreja ou de alguma organização missionária americana ou sueca. O relato de Gunnar Vingren em seu diário deixa isso evidente (VINGREN, 2010, p. 30):

Tanto eu com Daniel já tínhamos recebido todas as confirmações de nossa chamada divina. Agora só restava nos ocupar dos preparativos, e ver o que tínhamos de levar conosco. Porém, em vez de receber alguma coisa, tivemos de dar tudo. Eu havia sacrificado o privilégio de ter cursado durante quatro anos no seminário batista, e renunciado a chance de ser enviado como missionário deles à Índia. E o Daniel também não tinha nada. Ali estávamos os dois sem nenhum recurso, sem pertencer a nenhuma denominação. Porém, pertencíamos à denominação do Céu.

O apoio que os missionários receberam da missão sueca, principalmente através da Igreja Filadélfia de Estocolmo, presidida pelo pastor Lewi Pethrus foi algo que aconteceu posteriormente. Em 10 de outubro de 1914, chegou ao Brasil o primeiro casal de missionários ligado à missão sueca, Otto e Adina Nelson, oriundos da cidade de Chicago, EUA. Em 05 de junho de 1916, na Igreja Filadélfia de Estocolmo, o casal, Samuel e Lina Nyström, foi separado para o trabalho missionário no Brasil, aonde chegaram no dia 18 de agosto de 1916, na cidade de Belém do Pará.

Lewi Pethrus e Daniel Berg foram grandes amigos durante a juventude na Suécia (BERG, 2010, p.28-29; ARAUJO, 2007 p. 122). Desceram às águas batismais no mesmo dia, em 12 de fevereiro de 1899 (PETHRUS, 2004, p. 37, 38). Certamente, a amizade entre Petrus e Berg foi decisiva para o apoio da missão sueca ao trabalho dos pioneiros no Brasil. Daniel Berg viajou para a Suécia em 1914, ocasião esta onde manteve contato com Lewi Pethrus, e foi convidado para

pregar, dar um relatório do trabalho no Brasil, e levantar uma oferta na Igreja Filadélfia de Estocolmo (ARAÚJO, 2007, p. 470).

Dos dois missionários pioneiros, apenas Gunnar Vingren tinha formação teológica. Ele realizou seus estudos na *Faculty of the Divinity School*, de 1904 a 1909, sendo diplomado pela *Swedish Theological Seminary*, da *University of Chicago (USA)*.

Com o passar dos anos, outros missionários suecos vieram para o Brasil, no intuito de cooperar com a evangelização do povo.

O preparo teológico dos missionários suecos acontecia em escolas bíblicas informais, que duravam três meses, num curso intensivo que objetivava a formação de pregadores pentecostais onde recebiam, ao final, um certificado de participação, e o título de "evangelista". O curso era de caráter informal, mais servia de pré-requisito para a ordenação ao ministério ou para o envio ao campo missionário, como era o caso dos obreiros filiados à Igreja Filadélfia, liderada pelo pastor Lewi Pethrus. Na Suécia, eram também realizadas conferências anuais, tidas como importantes para a formação dos obreiros que duravam uma semana.

Duas questões são no mínimo curiosas, quando se trata da questão teológica nas Assembleias de Deus no Brasil. A primeira, se refere ao fato de que o grande patrocinador da missão sueca no Brasil, Lewi Pethrus, teve formação teológica. Em seu diário ele faz o seguinte relato (PETHRUS, 2004, p. 59-60):

Durante o meu primeiro período no campo, tinha pensado em não procurar nenhuma escola de teologia. Eu sabia que naquele tempo os pregadores que mais se destacaram no meio evangélico, Charles Spurgeon e Dwight Moody, não tinham nenhuma formação teológica. Amigos e conhecidos falaram comigo, mas como isso deveria ser feito, a minha vontade de ler me influenciou muito, como também o pensamento de que talvez somente grandes e talentosos podiam conseguir sozinhos. Então decidi entrar no Seminário Betel, em Estocolmo. [...] Eu tinha facilidade de aprender. [...] eu passava a maior parte do tempo na biblioteca.

Dessa forma, em 1904, Pethrus iniciou seus estudos teológicos numa instituição formal, concluindo-os em 1906. Em seus escritos, pode-se perceber alguns fatores que vieram a contribuir para o antagonismo acadêmico que norteou o pensamento dos missionários suecos no Brasil. Tais fatores foram:

- O tempo demasiadamente gasto com matérias profanas (seria por acaso uma referência, por exemplo, ao estudo da filosofia?);
- A grande ênfase no aprendizado teórico de disciplinas como exegese, dogmática, história da igreja e idiomas bíblicos;
- O declínio de sua vida espiritual face ao seu envolvimento com brincadeiras frívolas e piadas nas relações diárias no seminário. Ele tornou-se um dos brincalhões mais avançados;
- O envolvimento com bebidas alcoólicas durante o curso, influenciado por colegas de pensamento “livre”, que o fizeram desistir de sua atitude puritana;
- Os conflitos espirituais que resultaram desta nova e mundana conduta.

Outro fator pode ter sido a teologia liberal que norteava o pensamento do clero luterano da Igreja Estatal na Suécia (FREESTON, 1996, p. 78). A atitude negativa de Pethrus para com as instituições formais de ensino teológico é expressa na declaração abaixo (PETHRUS, 2004, p. 264):

Apesar de nossas atitudes negativas em relação a uma escola de pregadores (Seminário), a questão vinha à tona de vez em quando. Nunca fui contra a educação através dos livros; considero isso de grande valor. Todavia, isso causou grandes danos quando o trabalho cristão foi colocado no lugar errado, e chegaram a empurrar isso para fora que é muito mais significativo para o Reino de Deus.

Pethrus resistia à ideia de uma Educação Teológica desassociada e fora do ambiente da igreja local.

A segunda questão é sobre o silêncio de Gunnar Vingren sobre a Educação Teológica. Sobre isso, Alencar comenta (ALENCAR, 2010, p. 57):

Interessante, porém, é seu silêncio sobre a Educação Teológica apesar de ele ser um aluno formado em seminário, pois, em seus textos para os jornais nunca se pronunciou contra ou a favor – quando outros suecos escreviam contra.

Teria Vingren silenciado para não ter problemas ou para não provocar algum mal estar com a missão sueca, e fazendo assim, não ir de encontro ao pensamento

de Pethrus sobre o assunto? Teria sido influenciado pelas ideias antiintelectuais que nortearam o início do movimento pentecostal? Por alguma experiência passada, ou uma nova visão e expectativa em torno da obra no Brasil teria mudado a sua mentalidade acerca da importância e do valor do preparo teológico formal? Talvez um dia tenhamos a resposta precisa para o silêncio de Vingren.

Uma análise crítica apresentada por Nañez, de pessoas de fora, e outras de dentro do movimento pentecostal, identifica alguns males que o posicionamento extremado, contrário e resistente a uma Educação Teológica formal causou no movimento pentecostal, e conseqüentemente nas Assembleias de Deus no Brasil (NAÑEZ, 2007, p. 95-101). São eles:

- Falta de profundidade teológica;
- Tendência em elaborar doutrinas baseadas em experiências;
- Nossa vulnerabilidade diante das ondas e dos modismos teológicos;
- A subjetividade na interpretação das Escrituras, resultando numa eisegese (o que eu quero que o texto diga, e não o que o texto de fato diz);
- O abuso nas alegorias e na espiritualização do texto na pregação e no ensino, em vez da aplicação dos princípios presentes no texto;
- A disseminação da ideia de que espiritualidade e intelectualidade, Espírito e estudo, simplicidade de vida e profundidade teológica não se combinam.

Como se pode perceber, toda posição extremada, por algum benefício que possa produzir, sempre promoverá também os seus males. O equilíbrio, a temperança e o fervor pensante sempre serão o melhor caminho a seguir.

7 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DOS MISSIONÁRIOS NORTE-AMERICANOS NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Felizmente, nem todos que foram alcançados pelo movimento pentecostal adotaram uma postura antiintelectual e contrária à educação teológica formal.

Com a perspectiva escandinava de formação de obreiros, a ideia da criação de institutos bíblicos para a Educação Teológica formal nas Assembleias de Deus só começou a ser discutida, após a chegada dos primeiros missionários norte-americanos, entre os anos 30 e 40. Dentre eles, podemos destacar John Peter Kolenda, formado pelo *Instituto Bíblico em Pasedena, Califórnia*, que chegou ao Brasil em outubro de 1930, e Lawrence Olson, formado pelo *Central Bible College, Springfield, Missouri*, que aportou em terras brasileiras em 07 de setembro de 1938.

Os missionários norte-americanos, diferentemente, dos escandinavos, optavam pela criação de institutos bíblicos, caracterizados pelo ensino formal das Escrituras, através de cursos de longa duração. Nos EUA, era comum o fato de um obreiro precisar se submeter, antes da sua ordenação, a um preparo médio de quatro anos em um instituto bíblico. Sobre isso escreveu Brenda (1984, p. 119 *apud* FRESTON, 1996, p. 86):

A influência americana se faz sentir principalmente na área de Educação Teológica. Os suecos admitiam apenas o modelo de Pethrus, de escolas bíblicas de poucas semanas, sem diplomas. Acima de tudo, resistiam a ideia de vincular o pastorado com a formação teológica. A tentativa de um missionário americano de implantar um seminário em 1948 naufragou na resistência dos suecos e da maioria dos brasileiros.

As primeiras tentativas de iniciar um treinamento bíblico sistematizado para os ministros das Assembleias de Deus e para os demais irmãos chamados à obra do Senhor aconteceram na década de 40. Segundo Brenda (1984, p. 119 *apud* FRESTON, 1999, p. 118), trata-se de movimento idealizado pelos missionários americanos J. P. Kolenda e Lawrence Olson, “que não foi muito bem recebido por causa de certa oposição que havia naquele tempo ao treinamento teológico”.

8 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS ENTRE OS ANOS DE 1935 e 1979

Segue abaixo um resumo em ordem cronológica dos fatos que desencadearam a introdução e o desenvolvimento da Educação Teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil (DANIEL, 2004, p. 102-255):

- 1935 (*Convenção Geral em J. Pessoa-PB*)

Foi decidido que a partir de 1936 haveria anualmente três grandes Escolas Bíblicas de Obreiros das Assembleias de Deus no Brasil, sendo uma no Norte, outra no Nordeste e outra no Sul (Sul-Sudeste). A decisão não foi levada adiante, voltando a ser discutida em 1937.

- 1937 (*Convenção Geral em São Paulo-SP*)

O missionário Gustav Bergström pediu a criação de uma Escola Bíblica anual, com duração mínima de dois meses, para todos os obreiros do Brasil e aspirantes ao ministério. Foi resolvido diante do pedido, que a Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, liderada por Nils Kastberg, realizaria essa primeira Escola Bíblica especial, que deveria durar um mês ou, no mínimo, 15 dias. As igrejas custeariam as passagens despesas dos alunos, que deveriam ser irmãos vocacionados e desejosos de aprender. A proposta foi aprovada por unanimidade.

- 1943 (*4ª Semana Bíblica das Assembleias de Deus no Brasil em São Cristovão-RJ*)

Surgem os primeiros debates convencionais sobre o ensino teológico formal, nas Assembleias de Deus no Brasil, tendo como apresentador do assunto o pastor John Peter Kolenda.

Na discussão sobre o tema, o pastor Paulo Leivas Macalão falou da possibilidade de se criar uma escola bíblica noturna para obreiros, com aulas semanais fixas, nos dias em que os obreiros tivessem as noites livres dos cultos principais. Um plano de estudo por correspondência foi também apresentado. O missionário norte-americano Lawrence Olson foi mais além, propondo que as Assembleias de Deus no Brasil abrissem institutos bíblicos, escolas teológicas e seminários pelo país. O pastor Paulo Leivas Macalão discordou da proposta do missionário Lawrence Olson, alegando que um investimento desse nível, na formação teológica do obreiro, poderia causar certa arrogância intelectual e esfriamento espiritual. Um meio termo foi sugerido pelo presidente da mesa, o pastor Samuel Nyström. O pastor John Peter Kolenda, diante do impasse, propôs que a

sugestão do pastor Macalão fosse aprovada, e um curso teológico por correspondência fosse implementado com uma lista de livros devidamente selecionados. Na resolução sobre o assunto, o referido curso seria feito por intermédio do jornal Mensageiro da Paz onde o irmão Samuel Nyström ficaria responsável pelo curso e pelos cooperadores neste novo empreendimento.

- 1946 (Convenção Geral em Recife-PE)

O pastor John Peter Kolenda defende a proposta feita pelo missionário Lawrence Olson na Semana Bíblica de 1946, sobre a abertura de institutos bíblicos das Assembleias de Deus no Brasil. O primeiro deveria ser erguido na zona central do Brasil. O pastor Samuel Nyström falou da possibilidade destes espaços não serem propriamente formadores de obreiros, mas, que iniciassem os irmãos no desenvolvimento ministerial. O missionário Virgil Smith fez uma proposta onde, com base na grande necessidade de institutos bíblicos no Brasil, e pelo interesse demonstrado pelo assunto, a Convenção autorizasse o irmão Kolenda a solicitar ofertas nos Estados Unidos para esse projeto, e também a procurar um terreno ou prédio onde a aquisição da propriedade contasse com a colaboração dos pastores da região. A proposta foi cuidadosamente considerada e aprovada por grande maioria dos votos.

- 1948 (Convenção Geral em Natal-RN)

Os debates sobre a necessidade do ensino teológico formal e da criação de institutos bíblicos foi novamente levantado pelo pastor John Peter Kolenda. Leonard Pettersen citou na ocasião Efésios 4.11-16, e resistindo a ideia do ensino teológico formal, aconselhou a não se afastar dos princípios bíblicos na preparação dos obreiros. John Peter Kolenda, na sequência, discordou da interpretação que Pettersen dera ao texto de Efésios citado, e reafirmou a necessidade de se fundar institutos bíblicos no Brasil. Do lado de Pettersen ficou o pastor Eugênio Pires que afirmou termos uma escola, a de Jesus, que não deveria ser orientada por determinada pessoa. O missionário Gustav Nordlund também foi contrário a proposta de Kolenda, alegando que tal iniciativa poderia comprometer o

despertamento e afastar os obreiros dos princípios bíblicos. O pastor Francisco Pereira Lemos se uniu aos opositores, criticando o já existente curso por correspondência e alertando quanto ao perigo do formalismo, já presente, em outras denominações. O irmão Kolenda retomou a palavra afirmando que embora "[...] o curso por correspondência não tenha aproveitado alguns, não devemos fazer-lhe injustiça, pois a outros aproveitou". O irmão Kolenda perguntou ainda que perigos haveria na criação de um instituto bíblico. Uma das respostas dadas partiu de Leonard Pettersen, explicando que se o instituto fosse criado apartado da igreja, quebraria com isso princípios bíblicos. O pastor José Bezerra defendeu a posição de Kolenda, afirmando "[...] não haver perigo em receber instruções, se o instituto souber aproveitá-las". Teixeira Rego foi outro contrário a criação de institutos bíblicos, advertindo contra o formalismo, aconselhando a permanecer nos moldes antigos. Francisco Pereira reafirmou sua posição, acrescentando que considerava os institutos bíblicos uma fábrica de pregadores. O missionário Nels Nelson também falou, temendo que os institutos promovessem o impedimento do despertamento. Uma posição conciliadora foi mais uma vez apresentada por Samuel Nyström que, entendendo a necessidade de um maior preparo teológico para os obreiros, sugeriu um melhor investimento nas escolas bíblicas de obreiros regionais. Sobre esse episódio, na biografia de J. P. Kolenda, Brenda escreve (1984, p. 119 *apud* FRESTON, 1996, p. 119):

Tio João se encontrava na Convenção Geral das Assembleias de Deus em Natal, Brasil. Infelizmente, ele era o único missionário norte-americano presente. Naquela ocasião sentiu muito a falta do irmão Lawrence Olson. Por outro lado, ali estavam nove missionários suecos. [...] Tio João propôs na Convenção que institutos bíblicos fossem iniciados, mas cada vez que se levantava e falava, havia nove discursos dos seus irmãos suecos, manifestando-se contra a iniciativa proposta. Citavam Yale, Harvard e Oberlin, que começaram com zelo e objetivo cristão, mas que acabaram adotando o modernismo.

A implantação de institutos teológicos vinculados às Assembleias de Deus no Brasil começou a ser concretizado em 15 de outubro de 1958, com a fundação do IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, na cidade de Pindamonhangaba-SP, pelo casal de missionários americanos João Kolenda Lemos e sua esposa, Ruth

Doris Lemos. Em 1961, através da iniciativa do missionário N. Lawrence Olson, foi fundado no Rio de Janeiro o IBP - Instituto Bíblico Pentecostal. A fundação desses institutos bíblicos de Educação Teológica formal não foi iniciativa da liderança nacional das Assembleias de Deus. Seus fundadores, verdadeiros “heróis da resistência”, sofreram forte resistência da maioria dos missionários suecos e de vários obreiros nacionais.

No dia 26 de janeiro de 1973, após oito reuniões realizadas entre 1971 e o ano em curso, por ocasião da Convenção Geral realizada na cidade de Natal-RN, a Comissão de Educação Religiosa da CGADB apresentou o seu relatório, reconhecendo o IBAD - Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (DANIEL, 2004, p. 428). No dia 22 de janeiro de 1975, durante a Convenção Geral realizada em Santo André-SP, foi a vez do IBP – Instituto Bíblico Pentecostal ser reconhecido (DANIEL, 2004, p. 440). Em 22 de janeiro de 1979, durante a Convenção Geral em Porto Alegre-RS, a Comissão de Educação Religiosa da CGADB apresentou a proposta, que foi aprovada por unanimidade, sobre a criação da EETAD - Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus no Brasil, com sede em Campinas-SP. A EETAD ofereceria formação bíblico-teológica, favorecendo os obreiros e leigos das regiões mais distantes dos grandes centros urbanos, que não tinham a oportunidade de frequentar cursos com aulas presenciais. Foi adotado um sistema de Educação Teológica por extensão. A EETAD foi fundada pelo missionário norte-americano Bernhard Johnson (DANIEL, 2004, p. 462-463).

A partir desses fatos, a educação teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil, mesmo enfrentando focos de resistência, avançou através de outras grandes iniciativas e ações por parte daqueles que entenderam o seu valor, e que perceberam a grande contribuição que poderia dar ao pentecostalismo clássico assembleiano.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Allan. *El pentecostalismo: El Cristianismo carismático mundial*. Móstoles, Madri: Akal, 2007.
- ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg, fundador das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu: biografia de J. P. Kolenda*. 2. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988.
- COLLINS, Kenneth J. *Teologia de Wesley: o amor santo e a forma da graça*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- DURANT, Will. *A Reforma: uma história da civilização europeia de Wyclif a Calvino: 1300-1564*. Tradução de Mamede de Souza Freitas. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. V. 6.
- God's Bible School and College*. Disponível em <<http://en.wikipedia.org>>. Acesso em: 21 mar. 2011.
- FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*. Campinas, SP: LPC, 1990.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Alberto Antoniazzi *et al* (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo clássico* (p. 67-99). 2. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. *Religião, Educação & Progresso*. São Paulo: Mackenzie, 2000.
- GONZALEZ, Justo L. *Uma história ilustrada da igreja: a era dos dogmas e das dúvidas*. São Paulo: vida Nova, 1990, p. 175.

LATOURETTE, Kenneth Scottt. *Uma história do Cristianismo*. São Paulo: Hagnos, 2006. V. 2: 1500-1975 a. D.

LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

Lutero, Calvino e a Academia de Genebra. Disponível em <<http://www.mackenzie.com.br>>. Acesso em: 21 mar. 2011.

Lutero Monge Agostiniano. Disponível em <<http://www.comcristo.org.br/>>. Acesso em: 21 mar. 2011.

MATOS, Alderi Souza de. Universidades Protestantes: benefícios e riscos. *Revista Ultimato*. Viçosa-MG, Ano XLIV, nº 329, Março-Abril 2011, p. 60-61.

NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*. São Paulo: Vida, 2007.

NOLL, Mark A. *Momentos decisivos na história do Cristianismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.

PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus: a vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ROSELL, Garth; DUPUIS, Richard. *Memórias originais de Charles G. Finney: uma narrativa de reavivamentos que marcaram a história*. São Paulo: Vida, 2006.

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro: Gunnar Vingren, fundador das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.